

DISCUTINDO HOMOAFETIVIDADE NO CONTO *AQUELES DOIS*, DE CAIO FERNANDO ABREU: UMA MICROANÁLISE ETNOGRÁFICA DE SALA DE AULA

Maria da Conceição Macedo de Freitas Arruda

(Mestranda PPGFP – UEPB)

iano_emas@hotmail.com

Profa. Dra. Kalina Naro Guimarães

(PPGFP – UEPB)

kalinaro@gmail.com

RESUMO

A pluralidade sexual e o debate em torno das questões de gênero são algumas das inúmeras mudanças pelas quais a sociedade contemporânea vem passando. A educação brasileira deve apresentar abertura para tratar e discutir estes temas na sala de aula, já que esta realidade é muito próxima a todos os envolvidos na educação. Embora seja ainda um grande desafio refletir sobre a homoafetividade em turmas de adolescentes, esse debate é indispensável, devido à importância e à necessidade do tema para o desenvolvimento de uma geração mais transigente e aberta às mudanças sociais. Este artigo objetiva discutir o tema homoafetividade nas aulas de Literatura, em turma de 2ª série do Ensino Médio, de uma escola estadual da cidade de Emas. De caráter etnográfico, a partir da observação participante, uma microanálise foi realizada a partir de cortes de observação de cenas colhidas no local da pesquisa, realizada pela professora pesquisadora. Para melhor discussão, foi abordado a representação da homoafetividade no conto *Aqueles dois*, de Caio Fernando Abreu, com debates e atividades realizadas pelos estudantes. Observaram-se os níveis de tolerância e/ou intolerância à homoafetividade, além de discussões sobre a homofobia, na desconstrução de preconceitos.

Palavras-chave: Homoafetividade. Educação. Literatura. Conto.

INTRODUÇÃO

As constantes mudanças sociais que tangem a liberdade de escolha e a sexualidade vêm obrigando a educação brasileira a se situar em novas realidades presentes na sociedade e a inserir, na sala de aula, determinados assuntos considerados tabus. A discussão sobre a homoafetividade na escola ainda é um grande desafio, entretanto, indispensável pela sua importância e necessidade na construção de uma juventude mais transigente e receptível às mudanças sociais e de gênero.



O presente trabalho propõe descrever e discutir, a partir da perspectiva etnográfica, a recepção de estudantes adolescentes ao tema homoafetividade durante as aulas de Literatura no Ensino Médio de uma determinada escola estadual, da cidade de Emas.

Os dados foram coletados mediante a observação participante de abordagem etnográfica pela própria professora da turma em duas aulas de Literatura Brasileira. Foram observadas as interações dos estudantes sobre a homoafetividade tratada no conto *Aqueles dois*, de Caio Fernando Abreu, em 1994.

O artigo descreve as cenas analisadas durante a observação de duas aulas, instigadas, propositalmente, ao tema em questão. É bom destacar a posição da professora como pesquisadora, tendo a discussão e debate como principais mecanismos para apanhamento das informações. Os dados do estudo apresentados neste artigo apontam o nível de tolerância e/ou intolerância à homoafetividade em sala de aula de 2ª série do Ensino Médio de escola estadual, preocupando-se, também, com o debate sobre a homofobia, na desconstrução dos preconceitos.

Para tanto, cabe apresentar, o contexto da pesquisa, exposição de dados que ratificam a intransigência à homoafetividade na escola e a descrição das aulas etnograficamente observadas.

METODOLOGIA

O local da pesquisa foi uma escola estadual da cidade de Emas, com 225 alunos matriculados nas duas etapas da Educação Básica – Ensino Fundamental e Ensino Médio – e estes estudantes estão distribuídos em duas modalidades de ensino – ensino regular e Educação de Jovens e Adultos. A escola oferece seus cursos em três turnos de funcionamento.

Os sujeitos da pesquisa foram os vinte e dois estudantes devidamente matriculados na 2ª série do Ensino Médio da escola estadual de Emas, que estavam presentes nas aulas destinadas à observação e à coleta de dados. Em maioria, as garotas estão entre 16 a 18 anos, idades que também predominam entre os garotos. Não foi aplicado nenhum questionário socioeconômico aos colaboradores, entretanto, sabe-se que a maioria está na classe C, devido aos dados coletados nos arquivos escolares e por conhecimentos previamente adquiridos, em vivência com os estudantes, pela professora.

A pesquisa aconteceu em duas aulas de Literatura realizadas no dia quinze de junho de 2016, no espaço do projeto titulado *Exercitando a escrita: um livro de contos*, que objetiva discutir sobre temas atuais e pertinentes para a escola e a juventude, por meio de textos literários, além de



incentivar a leitura e análise de contos, apreciando e notando a literariedade dos textos, como também a escrita, a partir da confecção de contos produzidos pelos próprios estudantes. No dia da pesquisa, o conto escolhido foi debatido dentro das linhas gerais do projeto escolar e buscando também atender às necessidades e aos objetivos deste estudo.

Quanto ao instrumento utilizado para a introdução do debate, o conto *Aqueles dois*, de Caio Fernando Abreu, do livro *Morangos mofados*, publicado em 1982, foi escolhido porque traz a geração de um sentimento homoafetivo entre os protagonistas do conto. O texto aborda o relacionamento de Raul e Saul, homens frustrados amorosamente e imersos em uma rotina de trabalho desgastante. Ao se aproximarem, inconscientemente, os protagonistas buscam no outro a melhor companhia para suas realizações pessoais. Entretanto, a sociedade apresentada no enredo não aprova certos comportamentos daqueles considerados diferentes como normais.

A relação vivida entre Raul e Saul é vista sob dois ângulos: aquela construída entre os dois, através dos sentimentos e do compartilhar de determinadas afinidades, e outra, “imaginada” pelos sujeitos homofóbicos, que a difundem em seus cochichos e maledicências, quando trazem para o interior do ambiente de trabalho, a ação metafórica da praça pública (JÚNIOR, 2006, p. 48)

O fim do conto retrata uma sociedade intolerante, já que, devido às cartas assinadas pelo Guardião da Moral ao chefe estarem representando o desejo de muitos funcionários daquela repartição, os dois são demitidos. A relação homoerótica não é escancarada na narrativa, pelo contrário, trata-se de uma insinuação, mas a maldade e a intolerância alheias são evidenciadas no fim do conto.

Para Oliveira (2016), a demissão dos protagonistas é vista por duas perspectivas: a primeira realça as ideias de preconceito e intolerância ao diferente e a repulsão como controle da vida de outrem; a segunda refere-se à liberdade restrita que só é permitida na privacidade. Isto condiciona a ideia de que a homoafetividade só pode acontecer longe dos olhos da sociedade tradicional e intolerante, o que remete a uma falsa liberdade. Destaca-se também que estas perspectivas não favorecem a autonomia do indivíduo, mas sua submissão aos comportamentos considerados “normais” pela sociedade.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. A escola e a intransigência à homoafetividade: o que dizem as pesquisas quantitativas

A escola é um espaço oportuno e importante para a formação de cidadania e consciência dos direitos humanos, entretanto, não é difícil encontrar neste ambiente de aprendizagem, respeito e convivência com a sociedade o preconceito à homoafetividade.

Para introduzir esta discussão, é pertinente tomar os resultados da pesquisa sobre Preconceito e Discriminação no Ambiente Escolar, desenvolvida pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE), desejada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP – MEC), em 2009, com o objetivo de fomento e contribuição de políticas que reduzissem a discriminação na escola e na sociedade civil.

A pesquisa teve como amostra 501 escolas e 18.599 entrevistados, entre eles, diretores, alunos, professores, funcionários e pais de alunos, em território brasileiro. É importante ressaltar as áreas temáticas abordadas pela pesquisa: territorial, orientação sexual, gênero, geracional, étnico-racial, socioeconômica e necessidades especiais. Para este artigo, os dados elementares são aqueles referentes à área orientação sexual.

Segundo a pesquisa, 87,3% dos brasileiros têm preconceito contra homossexuais; 72% dos ouvidos afirmaram desejar distância deste grupo de pessoas e 30,7% dos entrevistados afirmaram já ter sofrido *bullying* em situações escolares.

Estes dados denotam uma realidade de intolerância ao diferente e reflete os altos índices de preconceito e discriminação no ambiente escolar. A partir dos dados, é possível afirmar que a escola tem função elementar na ruptura desses preconceitos, além de incitar a conscientização dos alunos no convívio com as diferenças (EUFRAZIO, 2015).

Respeitando os direitos assegurados na Carta Magna Brasileira, nos termos, “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça e sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (Art. 3º, IV), a escola é o ambiente ideal de construção de pensamento de um mundo com sua diversidade e complexidade da sociedade. (GUILOUSKI, 2011)

É preciso, assim, abordar os temas gênero, sexualidade e homofobia nas escolas, a fim de expandir nos estudantes as mais variadas formas de relacionamento humano, para a diminuição da intolerância à homoafetividade e a criação da cultura de respeito entre os sujeitos (EUFRAZIO, 2015).

Entretanto, a construção de uma sociedade mais tolerante não será possível com atitudes pequenas ou de curta duração. Guilouski, et al (2011), na pesquisa intitulada *Questões de gênero e diversidade na formação do adolescente: o ambiente escolar como espaço de ação*, detectaram que 66,07% dos entrevistados apresentaram intolerância à homossexualidade e concluíram que o local da pesquisa, bem como seus sujeitos, precisam trabalhar o tema com seus estudantes. Os pesquisadores sugeriram vários trabalhos em diferentes áreas de estudo, como Anatomia, Genética, Neurociência, entre outros, além de mesas redondas e oficinas que garantissem suporte teórico-científico sobre o assunto.

Eufrazio et al (2015, s/p) corroboram a necessidade do tema sexualidade na escola, afirmando que “a abordagem da sexualidade deve ser contínua, corajosa e politicamente interessada com a crítica desses modelos de desigualdades sexual, de gênero, etnia, religião”, devendo ser vista para a desconstrução da mentalidade discriminatória a fim da formação de mentalidade flexível ao novo e ao diferente.

2. Homoafetividade em sala de aula: os dados coletados na pesquisa etnográfica

A aula foi iniciada com as primeiras saudações, às 13:45h. Os alunos, sempre sentados, permaneceram e não fizeram, neste momento, nenhuma interação que chamasse nossa atenção para ser registrada. Começamos avisando à turma que a professora de Geografia não daria aula, que esta aula seria ministrada por mim e que as duas aulas do dia seriam para a leitura e discussão do conto escolhido.

Foram informados sobre o motivo da filmagem da aula ao que os estudantes não fizeram objeção. Comecei a entregar-lhes a cópia do conto e alguns alunos o acharam extenso, reclamando da quantidade de folhas em que foi impresso, apesar da turma já ter lido contos maiores.

Antes de iniciar a leitura, com a cópia do conto em mãos, pedi aos estudantes que lessem sem nenhum olhar analítico, sugeri, apenas, que fizéssemos uma leitura descompromissada, prazerosa e nos atentássemos ao enredo e personagens da história.

Comecei a leitura e constatei que a turma, em silêncio, acompanhava-a com suas cópias e com muita atenção. A cada página concluída, repleta de ações, que os estudantes ouviam cuidadosamente. Não havia mais reclamações pela extensão do conto, pelo contrário, pareciam atentos e interessados, pois não faziam barulho, não faziam gestos de cansaço e acompanhavam a leitura integralmente. Ao longo de vinte e três minutos, os estudantes e eu completamos a leitura do conto.



Introduzi a discussão do texto perguntando aos estudantes se tinham gostado do conto e todos afirmaram que sim. Algumas citações como *“ele é bom, gostei da parte do fim quando um abriu a porta pro outro entrar no táxi”* (ALUNA 1), *“ai, eu esperava que eles iam se beijar”* (ALUNO 2), *“não era só amizade não, eles não se beijaram, mas rolava um sentimento ali”* (ALUNA 3), *“eu estava lendo o final logo pensando que eles iam se beijar”* (ALUNA 4), entre tantas outras citações, demonstram que a leitura foi bem sucedida, porque eles decifraram o código e puderam debater sobre o texto com facilidade.

A ideia de que as ações são previsíveis, devido ao gênero dos sujeitos é dissipada, já que os protagonistas agiam diferentemente daquilo que a sociedade, representada pelos seus colegas de trabalho, esperava. Sobre isso, Lopes (s/d) afirma:

O entre-lugar das homoafetividades está entre identidades, entre homo e heterossexualidades, implica repensar as masculinidades para além de uma homosociabilidade homofóbica. O que é estar entre homens, quando não se sabe o que pode acontecer, a violência ou o beijo inesperado (LOPES, s/d, p. 46)

É interessante perceber como os estudantes estavam envolvidos e o quanto colocavam suas opiniões com clareza e segurança. A citação de Lopes (s/d) é pertinente uma vez que a masculinidade dos personagens não é aquela “padronizada” pela sociedade, e os estudantes perceberam a homoafetividade no conto sem que esta fosse explícita.

Demonstraram convicção ao defenderem o casal do conto por terem sido demitidos porque apresentavam uma relação mais próxima do que o habitual para aquela sociedade. *“Esse Guardião da Moral tinha era inveja deles”* (ALUNO 2), *“Isso aí é preconceito!”* (ALUNO 3) foram algumas falas significativas quanto à opinião dos estudantes em relação à intolerância e ao amor homoafetivo.

Preconceito pode ser definido como o resultado da inserção de um sujeito em uma categoria social (LACERDA et al, 2002). Isto é, o preconceito é o incômodo que o sujeito “diferente” das características padrões da categoria social produz nos demais. Nota-se, portanto, que os estudantes puderam definir os espaços de preconceito dentro da narrativa, isto demonstra a atenção e a sensibilidade dos sujeitos quanto ao tema e à obra.

Enquanto eles discorriam, eu tentava não me posicionar, pois queria colher a opinião deles, sem que meu posicionamento sobre o tema os influenciasse. Entretanto, o trabalho docente no que tange a reflexão crítica é uma atividade inerente das demais ações pedagógicas e, ao passo que líamos e discutíamos o conto em sua literariedade bem como sua contextualização temática, as



contribuições na leitura do conto, por meio das experiências dos sujeitos, iam formando novas opiniões e novas maneiras de ver um mesmo fenômeno social.

Quando levei os estudantes a se posicionarem como o patrão do conto, a maioria dos alunos disse que não demitiria Raul e Saul, porque a vida pessoal de cada um não deveria interferir no trabalho, entretanto, a fala de um aluno destaca-se por ver a mesma situação, considerando a necessidade da tomada de decisão do patrão: *“porque os outros funcionários estavam incomodados com eles, por isso o chefe preferiu demitir. Eu entendo ele [...] era difícil pra ele decidir por Raul e Saul e esquecer o resto da firma”* (ALUNO 2). O aluno destacou que, talvez, o patrão nem pretendesse demitir os personagens, contudo existiam aqueles dentro do mesmo contexto que exigiam uma postura em nome da moralidade.

Após sua fala, alguns alunos se posicionaram defendendo a ideia de que não se pode contemplar a maioria porque é mais fácil, mas lutar pelos direitos de todos. A discussão foi se intensificando com a situação de um aluno: *“professora, o povo tem a cabeça tão fechada que se eu for lutar pelos gays, vão dizer que eu sou gay também”* (ALUNO 3). Outras complementaram: *“é porque a gente ainda é muito egoísta, é difícil uma pessoa sair de sua casa pra lutar pelos direitos dos outros, viu...”* (ALUNA 1), *“e ainda tem aquele que diz que não tem preconceito, mas quando passa uma pessoa que tem jeito de gay, aí solta piadinha [...] pra mim, isso é preconceito também”* (ALUNA2).

As ideias de homofobia, “medo voltado contra os/as homossexuais” (LOURO, 1997, p. 28); liberdade de escolha, conceituada como direito de escolha pelo sujeito de sua maneira de agir, independentemente de qualquer determinação externa (CAMARGO, s/d); e de convivência social foram exploradas a cada citação e cada aluno foi se posicionando sobre as consequências do preconceito na sociedade. *“Tem gente que comete suicídio porque não aguenta tanta pressão da família”* (ALUNA 5), *“deve ser muito ruim passar a vida toda escondendo que é gay por causa da sociedade”* (ALUNA 3), foram algumas falas que remeteram à indignação dessa geração quanto à intolerância de gênero e sobre a sexualidade. Mas a citação a seguir vem traduzir os comportamentos da sociedade que induzem ao machismo e à intolerância à homoafetividade:

Eu tiro por mim, minha irmã está grávida e ela vai ter um menino, ela já começou a comprar as roupinhas, tudo é azul. Por quê? Outra coisa: por que homem tem que jogar bola? E se um homem for fazer um curso de decoração, costura ou de fazer doce, aí o povo já fala que ele é gay. E se entender de roupa, aí é que o povo fala mesmo. Tudo isso vai influenciando. (ALUNO 2)



É percebida nesta citação, que a sociedade já condiciona que gênero o bebê deve se identificar, antes mesmo de nascer. Algumas atitudes como brincadeiras específicas para meninos e outras exclusivas para meninas também sugerem o que a sociedade espera de cada indivíduo: a produção da sexualidade “normal”, conforme Louro (2000).

Os alunos foram se posicionando de modo a trazer à tona a identidade de gênero, ou seja, a identidade histórica e social de gênero (masculino e feminino) que os sujeitos constroem de si próprios (LOURO, 1997), e também a posição religiosa quanto ao assunto. “*Eu sou católica, mas quem sou eu pra julgar os outros? Até porque Deus não ensinou a violência... Jesus acolheu a todos*” (ALUNO 6), “*eu posso não achar certo, mas ninguém tem o direito de se sentir melhor que os outros*” (ALUNA 1), citações que trazem uma opinião religiosa, mas que respeitam o diferente.

Ao serem provocados a mudar o enredo do texto, a partir da conversa com o patrão, os alunos foram precisos: “*eu colocaria pra eles darem um beijo na frente do patrão, eles se assumindo*” (ALUNA 7), “*eles eram demitidos, mas eu escrevia pra eles terminarem juntos, assim, namorando*” (ALUNA 3), “*eu terminava o conto com o casamento deles*” (ALUNO 2). As falas surpreendem porque os estudantes demonstram naturalidade ao falar do tema, e o amor homoafetivo parece não ser um assunto restrito para essa juventude, até eu ouvir a fala dessa aluna: “*Eu tenho muitos amigos gays e lésbicas, mas na minha frente eu não quero que eles se beijem não. Vão beijar em outro canto, na minha frente não [...] eu aceito, pode até ser meu filho, mas na minha frente não. É estranho, é feio!*” (ALUNA 8).

Começaram as discussões na turma inteira, ouvi aqueles que defendiam a liberdade, também aqueles que defenderam o amor, acima de qualquer preconceito, mas também ouvi, com atenção, a opinião daquela jovem, de família conservadora, que estava mergulhada nessa ideia tradicional de ver o amor. Eu não precisei fazer intervenções, já que a resposta para a citação da aluna veio de sua colega:

[...] é porque a gente nunca viu. Aí, como é diferente, é estranho. Até a gente se acostumar demora um tempinho. E tem que ver também que aqui em Emas não tem nenhum gay assumido, é por isso, cidade de interior tem mais preconceito [...] aí tem também a questão das gerações, porque, assim, meu pai, meu avô jamais permitiriam que um filho fosse gay; hoje, está mais aberta essa questão. (ALUNA 1).

As opiniões foram sendo colocadas e as discussões chegaram à tamanha naturalidade, que eu não esperava, devido aos números alarmantes acerca do preconceito de gênero e



homoafetividade na escola, divulgados por documentos oficiais e pelas recentes pesquisas acadêmicas.

O ensino de Literatura não se reduz apenas à contextualização histórica, temática, presentificadora, estilística, teórica, poética e/ou crítica, como nos aponta Cosson (2014). É preciso destacar que a abordagem do conto não se limitou à discussão temática apresentada neste artigo, mas foi um trabalho fundamentado nas bases do letramento literário, já que a discussão sobre a homoafetividade foi apenas uma das ações planejadas, além da análise dos personagens, realizada como atividade extraclasse, e da relação sociedade/homoafetividade. No tocante à linguagem apresentada no conto, os alunos foram direcionados a enxergar a literariedade presente na obra, através da exposição e do estudo das marcas linguísticas literárias presentes no texto e a influência do contexto histórico e do autor para a Literatura Brasileira. As atividades foram registradas em exercícios de escrita.

A aula foi terminada com o sinal da escola, às 15h15 e, antes de sair da sala, agradeci-lhes pela participação no trabalho científico e aplaudimos a liberdade de expressão e aquela discussão tão proveitosa naquelas aulas. Guardamos aquele momento na memória e na câmera.

CONCLUSÕES

Este artigo propôs descrever uma sala de aula envolvida com o tema homoafetividade, além de discorrer sobre a intransigência quanto a esse assunto na sociedade contemporânea.

A partir da observação da reação dos alunos ao tema abordado, notou-se que os estudantes estavam à vontade para dissertar sobre seus pensamentos em torno da homoafetividade e que a maioria não apresentou as ideias preconceituosas que ainda se perpetuam o mundo, como foi exposto na pesquisa do INEP (2009).

É possível que estes jovens estejam mais tolerantes por estarem mergulhados nos meios tecnológicos que, nos últimos anos, empenham-se para diminuir o preconceito sexual na sociedade, além de projetos escolares sobre o tema serem discutidos consideravelmente nas escolas de maior porte.

Como foi observado, os dados coletados ainda apresentaram, timidamente, o preconceito sexual na pesquisa. Isto se dá porque nem todos os jovens estão dispostos a receber o novo em suas vidas, provocando a tão indesejada intolerância ao diferente, além de outras questões relevantes e

delicadas como componentes religiosos, valores familiares conservadores, a cultura midiática que, em alguns casos, qualifica certos padrões de vida, entre outros.

Conclui-se que a escola e o professor tem papel fundamental para a minimização da discriminação sexual nas salas de aula, já que é papel do educador discutir sobre o respeito às diferenças e igualdade de direitos dos cidadãos brasileiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Caio Fernando. *Aqueles dois*. In: *Morangos mofados*. São Paulo: Editora, 1994

BRASIL. Constituição (1988) *Constituição da República Federativa do Brasil*. In: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituiçãocompilado/htm. Acesso em: 12/07/2016

BRASIL/MEC/INEP. *Pesquisa sobre a discriminação e preconceito no ambiente escolar – Principais resultados*. São Paulo: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), 2009c. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diversidade_apresentação.pdf. Acesso em: 09/07/2016

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2.ed. 5ª reimp. São Paulo: Contexto, 2014

CAMARGO, Orson. "Liberdade"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/consciencia-e-liberda-humana-texto-2.htm>>. Acesso em 12 de agosto de 2016

EUFRAZIO, Vinicius Pascoal et al. *Diversidade sexual na escola: homofobia, práticas discriminatórias e ações educativas*. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD4_SA11_ID_3634_03092015180914.pdf. Acesso em: 09/07/2016

JÚNIOR, Luiz Fernando Lima Braga. *Caio Fernando Abreu: narrativa e homoerostismo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG. 2006. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ALDR-VYHZR/teseluzfernando>. Acesso em: 21/08/16

MORAES, Larissa Messias. *Intolerância, direitos humanos e socialização no ambiente escolar*. Bauru, v.2, n.3, p.69-87, jul./dez. 2014

OLIVEIRA, Raiza Brustolin. Homossexualidade em “Aqueles dois” de Caio Fernando Abreu. *Revista Urutágua: acadêmica multidisciplinar*. N°33. dez. 2015/mai. 2016. ISSN: 1519.6178

LACERDA, Marcos (et al). Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. *Psicologia: reflexão e crítica*. 2002. 15(1) pp 165-178



LOPES, Denilson. O entre-lugar das homoafetividades. *Ipotesi: revista de estudos literários*. Juiz de Fora. v.5 n.1 p.37-48

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997

_____. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado*. Belo Horizonte, 2000. Disponível em: <http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>. Acesso em: 12 ago. 2016

GUILLOUSKI, Poliana Cristine Aureliano et al. *Questões de gênero e diversidade na formação do adolescente: o ambiente escolar como espaço de ação*. 2011. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/handle/11449/139759>. Acesso em: 09/07/2016



